

# ENTRE MANUAIS E ARTIGOS: CAMPANHAS PARA O PÚBLICO LEIGO SOBRE O FUMO E SEUS MALES NO BRASIL DA PRIMIRA METADE DO SÉCULO XX

Huener Silva Gonçalves<sup>1</sup>  
Deyse Marinho de Abreu<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo fazer um levantamento dos discursos contra o tabagismo produzidos no país na primeira metade do século XX, a partir das obras de editoras religiosas – Adventistas e Batistas - e da Revista *Seleções do Reader's Digest*. Estas publicações desempenharam importante papel na circulação de artigos sobre a temática voltados para o público leigo até a década de 1960, quando as pesquisas da epidemiologia do câncer do pulmão ganharam espaço nos artigos em revistas especializadas, principalmente da medicina, e na mídia leiga.

**PALAVRAS-CHAVE:** história da saúde; antitabagismo; divulgação médico-científica.

**ABSTRACT:** This paper aims to survey the speeches against tobacco produced in the country in the first half of the twentieth century from the works of religious publishers - Adventists and Baptists - and the magazine *Reader's Digest*. These publications have played an important role in the movement of articles on the topic turned to the lay public until the 1960s, when surveys of the epidemiology of lung cancer gained ground in articles in magazines, especially in medicine and the lay media

**KEYWORDS:** health history; antismoking; disclosure medical scientific.

## INTRODUÇÃO

Atualmente é notável a importância da circulação de informações na mídia relacionada a práticas que levam os indivíduos a conservarem sua saúde. Por conta desta constatação, trabalhos têm sido produzidos em diversos campos, principalmente na História das Doenças, Saúde e Ciência, com o

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela UFMG.

<sup>2</sup> Mestre em História pela UFMG.

intuito de entender como os resultados de pesquisas gestadas em laboratórios alcançam o restante da sociedade.

De maneira geral, os estudos observam que os discursos produzidos na mídia buscam, no discurso científico, credibilidade para convencer seu público a mudar hábitos<sup>3</sup>. A ciência aparece como uma verdade incontestável para o leigo, podendo ser apenas mudada por aqueles que detêm a formação para tal, ou seja, o cientista. Assim, no que tange ao discurso médico-científico e da saúde, a mídia tem perpetuado uma lógica na qual a chave das respostas para os problemas de saúde, seus tratamentos e prevenção passam pelos discursos dos profissionais ligados ao campo da saúde pública, principalmente da medicina. Entre os temas que mais aparecem em tais discussões na mídia estão os males associados ao tabagismo.

Notícias, leis, mesas redondas entre outros documentos, são produzidos sobre o tabagismo, tendo como veredicto final a culpa do hábito sobre diversos problemas ligados a ele. Entretanto, tal constatação persegue o tabagismo ao longo de sua história. Neste texto, daremos ênfase ao papel desempenhado por textos produzidos no país sobre a temática na primeira metade do século XX, tendo como divulgadoras editoras religiosas e a Revista *Seleções do Reader's Digest*, pioneira na produção sistemática de artigos sobre o assunto, o que nos leva à hipótese da prática de uma campanha contra o tabagismo. Este periódico desempenhou importante papel na circulação de artigos voltados para o público leigo até a década de 1960, quando as pesquisas da epidemiologia do câncer do pulmão ganham espaço nos artigos em revistas especializadas, principalmente da medicina, e na mídia leiga.

## **PRÓLOGO: O TABAGISMO NAS TESES DE MÉDICOS BRASILEIROS DO SÉCULO XIX**

Antes da chegada dos resultados das pesquisas que ligavam tabagismo ao câncer de pulmão no Brasil na década de 1950 entre os meios médico e leigo, a problemática do tabagismo e seus malefícios à saúde já era objeto de discussão entre médicos e grupos religiosos, principalmente os Adventistas.

---

<sup>3</sup> Entre os estudos podemos citar MARQUES, Maria Cristina da Costa. *A história de uma epidemia moderna - a emergência política AIDS/HIV no Brasil*. São Carlos, SP: RiMa, 2003; Maringá, PR: Editora UEM, 2003; CAMPOS, André Luiz Vieira; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; MARANHÃO, Eduardo S. Ponce. A história da poliomielite no Brasil e seu controle por imunização. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. Supl. 2, p. 573-600, 2003; NASCIMENTO, Dilene Raimundo. *As pestes do século XX. Tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada*. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, 2005.

Muito do que era falado e divulgado até então sobre os males ocasionados pelo tabaco estavam relacionados aos resultados de experimentos feitos no campo das observações clínicas, da química e da fisiologia experimental na Europa e EUA, que já vinham circulando no Brasil desde o século XIX. Expressão disso são algumas teses de médicos defendidas nas Faculdades de Medicina de Salvador e do Rio de Janeiro, entre as quais destacaremos a do médico mineiro Constantino Machado Coelho, *Do Uso e Abuso do Tabaco*, defendida na segunda instituição em 1875<sup>4</sup>.

Neste trabalho, Coelho condensou aspectos históricos, da botânica, da análise química, sobre os malefícios à saúde ocasionados pelo mau uso do tabaco a partir das observações de experimentos com animais e clínica de pacientes, destacando-se entre eles o nicotismo agudo e crônico, das formas de uso da erva, da sua importância econômica e, por fim, dos seus usos terapêuticos<sup>5</sup>. Entre os malefícios ocasionados pela falta de moderação do hábito, o autor cita a possibilidade do câncer bucal e de língua, a deterioração dos dentes, a hipersecação salivar, a dispepsia, as estomatites, a esofagite, as úlceras no esôfago, a laringite crônica granulosa, a suspeita de participação na gênese da bronquite crônica e da tísica pulmonar. Ele enquadra estes malefícios na categoria das morbidades locais no corpo, pois se concentravam em órgãos específicos. Acrescentariam a essas, as disfunções do sistema nervoso, como paraplegia, tremor dos membros, alienação mental, nevralgia intercostal, gastralgia, ambliopia nicótica, epilepsia, anafrodisia,

<sup>4</sup> Entre outros trabalhos podemos citar a obra do médico Martinho Xavier Rebelo (*Breves reflexões hygienicas sobre o uso do tabaco* de 1849), artigos, como o de Torres-Homem (*O abuso do tabaco como causa de angina do peito*, publicado na Gazeta Médica do Rio de Janeiro em 1863) e as teses defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pelos médicos Antonio do Nascimento Silva (*Que moléstias predominam sobre os que se empregam nas fabricas de tabaco e charutos estabelecidas na cidade do Rio de Janeiro*, defendida em 1852), João Joaquim de Gouvêa (*Do envenenamento pela nicotina*, defendida em 1859), Francisco Joaquim Werneck de Almeida (*Do uso do tabaco e de sua influência sobre o organismo*, defendida em setembro de 1869) e João José dos Santos Ferreira (*Do uso e abuso do tabaco e da sua influência sobre a saúde*, defendida em 1872). Somam-se a essas, as teses desenvolvidas na Faculdade de Medicina da Bahia, como as dos médicos Ascânio Ferraz da Motta (*Considerações hygienicas sobre o uso do tabaco*, defendida em 1846), João Baptista dos Anjos Junior (*Influência dos diversos modos de usar do tabaco*, defendida em 1856) e João Garcez de Mendonça (*Descrição acção physiologica e therapeutica do nicotina tabacum*, defendida em 1858).

<sup>5</sup> Segundo o autor, o nicotismo agudo se constituía principalmente pelo envenenamento por aplicações terapêuticas mal orientadas, descuido e desconhecimento dos usos e efeitos do mau uso da nicotina. São efeitos mais imediatos. Já o nicotismo crônico se constituiu como malefícios à saúde causados por uso prolongado do tabaco, que “imensas vezes ignorados em sua etiologia, são ser hipoteticamente e erroneamente atribuídos a hereditariedade, às paixões, à sífilis, ao álcool etc.” (COELHO, 1875, p. 69).

impotência sexual, redução da inteligência e da memória e as disfunções do sistema circulatório, como palpitações cardíacas exageradas e o pulso frequente, consideradas como moléstias generalizadas, pois poderiam trazer transtornos à saúde do corpo inteiro. Em relação a gênese desses males, Coelho observava que outras substâncias do tabaco, além da nicotina, tinham importante participação:

Tendo presente o quadro das partes constituintes da fumaça do tabaco, é que poderemos com certeza especificar o agente a que deveremos atribuir a autoria de certos estados nosológicos, tópicos e generalizados. Até aqui estávamos habituados a lançar por conta da nicotina, única e exclusivamente, todos os fenômenos mórbidos, pois todos os higienistas consideravam aquela a única substância nociva da fumaça; tudo lhe era atribuído e descurado, até mesmo desprezado, a ação do carbono, da amônia e do ácido carbônico.<sup>6</sup>

Ainda assim, a erva apresentava usos terapêuticos, desde que o tratamento fosse prescrito por um médico. Seu uso externo seria através de emplastos, pomadas, decoto, entre outros, aplicadas a úlceras atônicas, sarna, combate de *morpions* e piolhos, moléstias parasitárias da pele, reumatismo, enxaqueca, dores de dente, gota e nevralgias. Como uso interno da planta, era indicado por meio de vapores, infusão, pós e pílulas, rapé e charuto, sendo aplicado ao combate ao tétano, pneumonia, coqueluche e enfisema pulmonar (COELHO, 1875). Obras posteriores que trataram o tema, muitas delas confeccionadas por clínicos, deixariam de mencionar esses usos e realçariam os malefícios do hábito. Esta mudança de tratamento da temática teve como influência os ideais de eugenia e de temperança dos grupos religiosos protestantes no início do século XX, principalmente os de origem norte-americana, com destaque para os Adventistas do Sétimo Dia, que já se encontravam no Brasil desde o final do século XIX.

---

<sup>6</sup> COELHO, Constantino Machado. *Do uso e abuso do tabaco*. Rio de Janeiro: These inaugural, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1875. p. 71.

## O ANTITABAGISMO ENTRE A EUGENIA, A TEMPERANÇA E A SALVAÇÃO: O PAPEL DAS CASAS EDITORIAIS BATISTA E ADVENTISTA NO BRASIL

Desde o início, os adventistas e outros grupos protestantes, dos quais podemos citar os batistas, se preocuparam com a propagação de seu estilo de vida baseado no banimento de hábitos considerados prejudiciais à saúde do corpo, que era considerado “Templo do Espírito Santo”. Essa prática, conhecida como temperança, tinha suas bases ideológicas presentes em textos bíblicos, sendo reforçada, no caso do adventismo, pelos escritos de seus fundadores, como os de Ellen G. White, e pela Reforma Pró-Saúde em 1863<sup>7</sup>. Estes valores chegariam ao Brasil com os primeiros missionários adventistas e batistas e seriam amplamente divulgados aos seguidores e à população em geral. Uma das estratégias usadas para a disseminação destas ideias foi a publicação de revistas, livros e folhetos pela Casa Publicadora Brasileira, fundada pelos adventistas em 1900 e a Casa Publicadora Batista, fundada em 1901, ambas no Rio de Janeiro. Na primeira década do século XX, já podíamos encontrar a recepção destes pensamentos por agentes da educação, como podemos verificar na cidade de Lavras, sul do estado de Minas Gerais, em 1907, quando o diretor do Grupo Escolar desta cidade, Firmino Costa, solicita a formação de grêmios de temperança nas escolas em relação ao fumo e ao álcool:

Não é o caso de se formarem nos Grupos Escolares grêmios de temperança, dos quais somente possam fazer parte, guiados pelo diretor, os alunos que não beberem, nem fumarem e nem jogarem? Esses grêmios se esforçariam para que os meninos viciados deixassem de sê-lo, promoveriam conferências contra o álcool, o fumo e o jogo, de modo que toda a escola viesse em pouco tempo a ficar livre de tais vícios.<sup>8</sup>

Além da escola e dos templos religiosos, os lares eram também vistos como espaço ideal de reeducação dos hábitos. A mulher era o alvo principal

<sup>7</sup> Por meio da Reforma Pró-Saúde realizada entre os adventistas nos EUA, em 1863, hábitos como o fumo, o álcool e os jogos, seriam vistos como adversários de uma vida correta que levaria à salvação da alma e, portanto, à vida eterna. Para maiores informações sobre a gênese dos adventistas acessar: <http://adventismo.blogspot.com/2006/01/captulo-2-o-avano-da-mensagem.html>.

<sup>8</sup> COSTA, Firmino. *Vida escolar* - boletim quinzenal do Grupo Escolar de Lavras. Lavras: Grupo Escolar, 1907, p. 2-3.

deste discurso, pois caberia a ela, independente de sua função no lar, reeducar o homem, modernizando-o. Esta premissa valia tanto para as campanhas antialcoolicas, como bem observou Matos (2000), como para o fumo<sup>9</sup>. Tal orientação fica latente na dedicatória do livreto *Fumo e seus Efeitos no Organismo Humano*, do médico Joaquim Nogueira Paranaguá, publicado em 1934, pela Casa Publicadora Batista:

Às mães e filhas brasileiras

Exmas. Sras. Vós sois as flores mimosas, tão meigas quão delicadas e belas, que encheis os pátrios lares de inigualáveis perfumes e inestimáveis encantos.

As nobilíssimas missões educativas e civilizadoras da nossa querida pátria, muito têm merecido de vós; mas muito tendes a fazer para que se torne vencedora a propaganda contra a existência dos vícios tolerados na sociedade. [...] E pela pureza de sentimentos, amor à virtude e prática dos bons preceitos que desaparecerão os males encravados em nossa pátria. Deus vos confiou os elementos primordiais da vida humana: sede fiéis.

Aceitai, com os respeitos da mais justa admiração, os humildes traços com que eu me destino cooperar na grande obra de perfectibilidade civilizadora, da qual sois as fontes límpidas, para glória da virtude e honra do saber.<sup>10</sup>

Caberia à mulher, segundo o autor, o livramento da pátria de um vício que fora transmitido para a civilização pelos “envilecidos selvagens, nus, da América” e que se constituía como costume verdadeiramente bárbaro (PARANAGUÁ, 1934, p. 7). O indígena é visto como inferior e adotar um hábito inferior é degenerar a raça, o que sugere assim o uso do discurso eugênico e da temperança contra o tabaco:

<sup>9</sup> MATOS, Maria Izilda S. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo, SP: Cia. Ed. Nacional, 2000.

<sup>10</sup> PARANAGUÁ, Joaquim Nogueira. *O fumo e seus efeitos no organismo humano*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1934, p. 3. Além de médico, Paranaguá (1855-1926) teve grande importância na difusão de idéias batistas no Piauí, e muito pode ter colaborado para isso a sua influência política naquele estado, o que pode ser observado pelos seus dois mandatos de deputado provincial (1884-1885; 1888-1889), vice-governador (1889-1890), deputado federal (1891-1896) e senador federal (1897-1906). Para maiores informações biográficas ver os seguintes sites: <http://brasilvirtual.info/tudo-sobre/joaquim-nogueira-paranagua/>; [http://www.senado.gov.br/senadores/senadores\\_biografia.asp?codparl=1858&li=24&lab=1897-1899&lf=24](http://www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=1858&li=24&lab=1897-1899&lf=24).

O hábito do tabaco é, por conseguinte, uma forma de intemperança que, enfraquecendo a humanidade, a predispõe a contrair moléstias e encurtar a vida [...] A nação mais temperante se tornará a mais instruída, civilizada e forte, e, por conseguinte, a dominadora do mundo. A ciência, elucidando os problemas que contribuem para revigorar a humanidade, assegura-lhe o seu aperfeiçoamento. É, pois, urgentemente necessário que a mais tenaz e profícua propaganda contra as causas da degeneração da humanidade, seja feita em nosso meio social, principalmente entre a mocidade, que é o futuro dessa pátria.<sup>11</sup>

De acordo com Paranaguá, para que a nação brasileira se tornasse forte e civilizada, caberia uma ação que reunisse toda a sociedade em prol da eliminação do tabagismo: uma união entre educadores, religiosos, família e o Estado em diversos níveis. O progresso material só viria com o progresso moral, que estaria ligado à religião e, por conseguinte, a Deus, segundo o autor. A ciência, conforme ele, teria parte importante nessa mudança, ao não deixar dúvidas, por meio de seus experimentos na fisiologia e na química, de que o tabaco, e, principalmente a nicotina, conduzem a diversos males à saúde, muitos dos quais já foram citados por Coelho em sua tese:

Se reconhecermos que o fumo é um veneno que oprime o cérebro, irrita os nervos, estraga a digestão, vicia a respiração, altera o sangue, deprime o coração, consome as células nervosas e musculares, prejudica o gosto, o olfato e contamina, enfim, todo o órgão e tecido com que fica em contato, devemos abandoná-lo.<sup>12</sup>

Esta é uma das poucas explicações experimentais dadas por Paranaguá, que se preocupou mais com a questão moral, relacionando o fumo a outras práticas que ele considerava como degenerativas da raça brasileira, das quais podemos citar o álcool, os jogos e, até mesmo, o carnaval. Junto a estes vícios, estariam também a corrupção, o favorecimento, e a anarquia, que tem levado o povo ao banditismo. O caminho para a resolução destes problemas seria, segundo ele, a educação em todos os seus níveis: estatal, religioso e familiar, e principalmente a fé em Deus (PARANAGUÁ, 1934).

Ao retornar especificamente ao fumo, o autor observa que o abandono do hábito só depende da vontade individual, como foi o caso dele. E

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 22-24.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 35.

para aqueles que têm dificuldades, ele indicava a mudança na dieta, dando preferência a frutas e o uso de um medicamento que poderia ser obtido na Casa Publicadora Batista, o Tabagil. O tratamento consistia em um a dois bochechos ao dia do medicamento, que produzia um gosto insuportável na boca quando o paciente tentava fumar. Por fim, Paranaguá encerra o seu texto com uma oração, pedindo o fortalecimento da luta contra o fumo, o álcool e os jogos, inimigos que degradavam a nação.

Estes “inimigos” foram também motivo de grande preocupação nos livros publicados pela editora adventista Casa Publicadora Brasileira, que tinham como base as obras da estadunidense Ellen G. White, como *A Ciência do Bom Viver*, *Conselhos sobre Saúde*, *Testemunhos* e *Medicina e Salvação*. Em relação ao fumo, de maneira geral, esta autora observa que o médico cristão tem importante papel em desencorajar o hábito, colaborando na salvação da saúde, do corpo e da alma do paciente. Para isso, também colaboraria, segundo ela, a adoção de uma alimentação mais natural, livre do excesso de temperos e conservantes<sup>13</sup>.

Um dos primeiros livros publicados pela Casa Publicadora Brasileira é *Inimigos da Humanidade*, do Dr. George Thomason, em 1944, no qual capítulos são dedicados aos “três inimigos da humanidade”: álcool, fumo e jogos. A manutenção da saúde e a salvação da moral e da alma deram o tom do trabalho deste autor, como fica visível na primeira página dedicada ao tema: “a terça parte da população do mundo, isto é, um terço de duzentos bilhões de pessoas, ou mais de 66.666.666.666 de criaturas humanas, são escravas do vício” (THOMASON, 1944, p. 79, grifo nosso). Mesmo assim, ele faz questão de reforçar que seu discurso sobre o fumo não é puramente moral:

[...] não precisamos aproximar desses problemas com uma atitude farisaica, ou de excessivo puritanismo, porém simplesmente como os que desejam saber o que é que os laboratórios e os consultórios médicos têm descoberto quanto aos efeitos do uso do fumo.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Cf. WHITE, Ellen G. *A ciência do bom viver*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1947. WHITE, Ellen G. *Testemunhos para a Igreja*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1954. v. III. WHITE, Ellen G. *Temperança*. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1969.

<sup>14</sup> THOMASON, George. *Inimigos da humanidade*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1944. p. 82.



Em relação à ciência, ele assinala que novos experimentos com animais, plantas e seres humanos, realizados por cientistas consagrados, reforçam “com segurança” os malefícios relacionados ao fumo já conhecidos pela comunidade médica. A partir desta premissa, Thomason tenta desencorajar seus leitores do fumo:

Todos os cientistas estão acordes em afirmar que a nicotina é um dos venenos mais mortíferos e mais rápidos em seus efeitos, até hoje conhecidos. [...] Duas gotas de nicotina, postas na língua de um cão produzem a morte do animal em poucos segundos. A dose mortal para um homem é a de 60 para 120 miligramas. Se a nicotina que se encontra num charuto fosse injetada nas veias, seria o suficiente para matar dois homens. [...] Um ilustre médico fez cerca de cem diferentes determinações do conteúdo de nicotina em várias marcas de cigarros. Descobriu que os cigarros comuns, feitos em casa, são os que contêm a maior concentração de nicotina, numa média de 2,5 %. Declara, ainda, que os chamados cigarros desnicotinizados, como tem sido demonstrado por Bailey, têm mais nicotina do que algumas outras variedades (p. 86-87) [...]

Um grande e lindo gato preto costumava fazer seus passeios noturnos ao redor do Hospital Bellevue e Escola de Medicina de Nova York. Homens, de pijamas, atiravam neles os seus sapatos. Senhoras, em roupas de dormir, gritavam para ele. Porém o felino continuava sempre com a sua rouquenha serenata. Afinal, um estudante de medicina fez uma armadilha e pegou o gato. Esse jovem, que mais tarde foi o afamado Dr. Davi Paulson, de Chicago, e que fez extraordinárias investigações sobre os efeitos do fumo no organismo, diz o que aconteceu ao aludido gato, do modo seguinte: “pus dentro de certa quantidade de água, de infusão, a porção de fumo que, de ordinário, se usa para um cigarro. Então, injetei no gato, com uma seringa, em forma de injeção hipodérmica, um pouco dessa substância. Com alguns minutos, o gato começou a ficar agitado, depois a tremer e, por fim, estava teso, morrendo de violentas convulsões – dentro de vinte minutos.”<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 90.

Até mesmo a relação fumo e câncer, que gerava naquela época controvérsias na comunidade médica, aparecia como algo estabelecido:

Ultimamente o Dr. Ângelo H. Roffo, notável cientista argentino, tem feito estudos e observações de grande interesse nesse campo, chegando a conclusão de que o alcatrão, encontrado em quantidade no fumo, é frequentemente responsável pelo câncer dos fumantes. [...] ‘O fumante que absorve a fumaça produzida por um quilo de tabaco’, diz o eminente sábio, ‘deposita nas anfratuosidades da laringe e de seus brônquios de 30 a 40 gramas de alcatrão. E nada valem os cachimbos com filtro ou tampões de algodão, pois o alcatrão está na fumaça.’<sup>16</sup>

Em relação ao tratamento para o abandono do fumo, Thomason faz observações semelhantes a Paranaguá:

Enxaguai a boca, depois de cada refeição, com nitrato de prata. Isso produzirá aversão a fumaça do tabaco, e removerá a irritação da garganta. Cuidado para não engolir!

Como auxiliar na eliminação do veneno, tomai uma porção composta de meia colher, das de chá de sais Rochelle e de cremor de tártaro, por uma semana, antes da refeição matinal. Se possível, duas vezes, durante as primeiras duas semanas, tomais banho turco, ou um bom suadouro de qualquer espécie. Bebei a discrição, água, suco de laranja ou pomelo.

Mantende-vos ao ar livre quanto possível. Conservai a mente ocupada com qualquer coisa digna. Na mudança do regime dietético encontrareis o melhor auxiliar.

Torna-se preciso abandonar o uso de pimenta, mostarda, o livre uso de sal, café e chá, bem como de carne.

Será de grande ajuda o seguinte regime: Por um período de duas a três semanas fazei uso de biscoitos, torradas, cereais bem cozidos, pão de farinha integral, ou de Graham, etc., com leite e nata, manteiga e nozes (bem mastigadas). Ao fim das refeições usai frutas ácidas, tais como laranja, maçãs, pêssegos, pêras, abacaxis e pomelos. Figos, tâmaras, passas de uva, sopa de maçã, e as frutas enlatadas são convenientes.

---

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 112.

Devem evitar-se os alimentos muito condimentados e as bebidas estimulantes.<sup>17</sup>

O principal motor dessa transformação é a vontade humana e a fé em Deus, como atesta o autor: “faça, pois, o viciado tudo que estiver em seu poder, exercendo ao máximo sua força de vontade, e confie implicitamente em Deus pelo resto, invocando fervorosamente o Seu auxílio” (THOMASON, 1944, p. 125).

Soma-se a esses tratamentos indicados pelo livro de Thomason, outra forma para o abandono do hábito, que se tornaria conhecida a partir da década de 1960: os cursos de “como deixar de fumar em cinco dias”, destacando-se entre eles o ministrado pelo médico Dr. Ajax Walter C. da Silveira, com o apoio da Igreja Adventista<sup>18</sup>. Entretanto, obras, como a do médico norte-americano Herbert Brean, *Como Deixar de Fumar* (1956), já circulavam em solo brasileiro, indicando um tratamento sistematizado, porém, voltado para fumantes inveterados.

A partir de 1950 os manuais sobre a temática passaram a incorporar os resultados das pesquisas inglesas e norte-americanas que relacionam câncer do pulmão e tabagismo, principalmente os estudos epidemiológicos. Nessas obras, vistas por Boeira (2002) como doutrinárias, o conhecimento produzido pela ciência tinha valor de verdade, não permitindo espaço para dúvida, e, constituiu, juntamente com o discurso religioso, um discurso moralizante, que tinha como objetivo o convencimento ao abandono do fumo<sup>19</sup>. Nesse sentido, poucas são as citações de datas dos experimentos e dos artigos

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 124.

<sup>18</sup> Segundo Baesso (2004), o curso foi elaborado e lançado em 1962 na cidade de São Francisco, Califórnia, EUA, pelos médicos adventistas J. Wayne McFarland e Elman J. Folkenberg. No Brasil, este curso foi introduzido sob a coordenação do pastor Alcides Campolongo, que manteria contato com os médicos norte-americanos a partir da Assembléia da Conferência Geral realizada em 1962, em São Francisco, EUA. Campolongo teve entre seus assessores os médicos Ajax Walter César da Silveira, que também batalhava contra o alcoolismo pela Associação Antialcoólica de São Paulo, Geraldo Leitzker e Gideon de Oliveira na elaboração do curso, que foi lançado em 8 de junho de 1964 no auditório da Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo, contando com aproximadamente 1.200 pessoas. Ver. BAESSO, Ademair da Mata Porto; LIMA, Valmir Freitas de Lima. *O antitabagismo na metodologia de evangelização pública adventista*. Trabalho de conclusão de curso apresentado em cumprimento parcial dos requisitos para o título de Bacharel em Teologia. UNASP, São Paulo, 2004; LOPES, Ernani. *A poesia, a arte e o bom senso contra o alcoolismo*. Rio de Janeiro: Ed. Jornal do Comércio, 1955.

<sup>19</sup> BOEIRA, Sérgio Luís. *Atrás da cortina de fumaça*. Tabaco, tabagismo e meio ambiente: estratégias da indústria e dilemas da crítica. Itajaí, SC: Editora Univali, 2002.

em que foram colhidas as informações – somente Shryock (1976) e Pachá (1960, 1980) tiveram a preocupação de elaborar uma bibliografia dos dados apresentados<sup>20</sup>.

Era a aceitação desse conhecimento e das orientações vindas da religião, principalmente por meio das obras editadas pela Casa Publicadora Brasileira, que garantia a inserção do indivíduo no corpo coletivo, a manutenção de uma sociedade moralmente saudável e a salvação eterna da alma. Brandt (1990), ao refletir sobre esta forma discursiva no contexto norte-americano, aponta para uma característica que podemos apropriar para o contexto brasileiro:

[...] reformadores morais não tinham absolutamente nenhum remorso sobre empregar argumentos baseados sobre frágeis dados em relação ao impacto fisicamente debilitante do fumo. Médicos e pesquisadores transitavam facilmente entre citar as consequências morais e para a saúde do hábito de fumar; não havendo tentativas no sentido de diferenciar tais argumentos.<sup>21</sup>

Apesar de ter como alvo um público amplo, acreditamos que tais obras tenham tido circulação limitada aos membros de religiões protestantes, sobretudo entre os adventistas, e entre os médicos clínicos<sup>22</sup>.

Além dessas obras, o público leigo e os médicos poderiam acessar informações sobre os malefícios do fumo entre as décadas de 1950-1960 em

---

<sup>20</sup> Ver PACHÁ, Jorge. *É melhor não fumar*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. PACHÁ, Jorge. *Fumo, vício que mata*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1960. SHRYOCK, Haroldo. *Fumar distrai ou destrói?* Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

<sup>21</sup> BRANDT, Allan M. The Cigarette, Risk, and American Culture. *Daedalus*, v. 119, n. 4, p. 155-176, 1990; tradução nossa.

<sup>22</sup> Diversos autores lidos, destacando-se entre eles Balbach (década de 1960) e Shryock (1976), ressaltam a importância de se divulgar os resultados de experimentos científicos que incriminam o tabagismo à toda população: “Reconhece-se que o fumo é um grande flagelo para a humanidade. Muitas pesquisas se têm feito e numerosos volumes se têm escrito a propósito. Mas o resultado das investigações necessita ser apresentado ao povo, de maneira simples e concisa, pois o povo necessita ser beneficiado por tais investigações. Eis, pois, a finalidade desta pequena obra” (BALBACH, Alfons. *O fumo e a saúde*. São Paulo: Edições A Edificação do Lar, [s.d.], p. 3).

“Quatro propósitos motivaram a publicação deste livro. Primeiro, procuramos sintetizar em linguagem popular as informações disponíveis sobre o que é causado pelo hábito de fumar. Grande parte dos dados recentes acerca dos efeitos do hábito de fumar, publicados principalmente em revistas médicas e científicas, não se acham amplamente à disposição do público leitor. Além disso, estão vazados em linguagem científica, um tanto difícil para o leitor que não é versado em Ciência” (SHRYOCK, 1976, p. 13).

alguns números esparsos de revistas como *Fon-Fon*, *Careta* e *Ciência Popular* e de maneira sistemática nas páginas da revista *Seleções do Reader's Digest*, que começou a circular no Brasil em 1942<sup>23</sup>.

## **DIVULGAR, DIAGNOSTICAR, RETRATAR E ORIENTAR: O PAPEL DA REVISTA SELEÇÕES DO READER'S DIGEST NA DIVULGAÇÃO CONTRA O TABAGISMO NO BRASIL**

Fundada em 1922 por Dewitt Wallace e sua esposa, Lila Acheson Wallace, proprietários do grupo *Reader's Digest Association*, a revista *Readers Digest*, conhecida no Brasil como *Seleções do Readers Digest*, se constituía como um periódico mensal de bolso, compacto, que contava com cerca de 30 textos condensados ou transcritos de importantes periódicos de diversas áreas. Sugeria-se a leitura de cada um artigo por dia<sup>24</sup>.

Segundo Oliveira (2004), cada texto tinha entre 4 a 6 páginas e possibilitava uma leitura fácil, agradável e contínua da revista, sendo esse um diferencial em relação a outras que circulavam no Brasil. Este formato, de acordo com Junqueira (2001), possibilitava a publicação de uma ampla variedade de temas e informações, buscando contemplar um público cada vez maior<sup>25</sup>. Após conquistar o mercado estadunidense, a revista ganhou o mundo em 1938, com a sua publicação na Inglaterra, e, em fevereiro de 1942, em um contexto de aumento de influência dos EUA sobre a América Latina, desembarcou no Brasil (JUNQUEIRA, 2001; OLIVEIRA, 2004).

O periódico alcançou, em seu primeiro ano, cerca de 100 mil exemplares, e teve como ápice o volume de 500 mil exemplares na década de 1970,

<sup>23</sup> Outras importantes fontes de informação, que estavam disponíveis somente aos médicos, eram as condensações de resultados de pesquisas em revistas como *Brasil-Médico* e *Revista Brasileira de Medicina (RBM)*. Ver GONÇALVES, Huener Silva. *Antitabagismo no Brasil: da mobilização da comunidade médica à política de Saúde Pública (1950-1986)*. 2009. 224 f. Dissertação (Mestrado em História) – Fafich, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

<sup>24</sup> OLIVEIRA, Bernardo J. Divulgação e educação científica em meados do século XX: uma análise comparativa dos seus veículos e suas abordagens. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2006, Goiânia. *Anais...* A educação e seus sujeitos na História. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2006. Disponível em: <[www.sbhe.org.br/.../cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Bernardo%20Jefferson%20de %20Oliveira%20\\_%20UFMG.pdf](http://www.sbhe.org.br/.../cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Bernardo%20Jefferson%20de%20Oliveira%20_%20UFMG.pdf)>. Acesso em: 8 abr. 2008.

<sup>25</sup> JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções. Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

tornando-se um dos mais lidos no país pela classe média urbana, principalmente por mulheres (OLIVEIRA, 2004). Além de artigos, a revista contava também com anúncios, que segundo Daniel (2003, p. 2), “veiculavam além de novos produtos, um estilo de vida identificado com o *american way of life*”, incluindo aí, os cigarros<sup>26</sup>. Em 1962, respaldado pelo relatório inglês “Fumo e Saúde” da RCP, os editores da revista resolvem não mais renovar os contratos publicitários das companhias de tabaco.

Na verdade, o aviso, contido no artigo que divulgava os resultados do relatório, fazia parte da pregação contínua do periódico contra o hábito de fumar, que já vinha se desenvolvendo nos EUA desde novembro de 1924, com a publicação do artigo “*Does tobacco injure the human body?*”, de Irving Fisher. Até 1950, o periódico tinha publicado 39 artigos relacionados ao hábito de fumar, em sua maioria, combatendo-o<sup>27</sup>.

Segundo Junqueira, é possível relacionar esta linha de pensamento com a formação presbiteriana dos proprietários, que influenciava na escolha dos temas e na maneira como eles eram abordados (JUNQUEIRA, 2001). No Brasil, a pregação contra o fumo chegou no primeiro ano de publicação do periódico, no número de outubro, com o artigo do jornalista Courtney Ryley Cooper, “Deixei de fumar”<sup>28</sup>. Entre as décadas de 1940 e 1980, a revista publicou no país cerca de 77 textos relacionados ao tabagismo e seus males. A problemática envolvendo o hábito ganhou maior evidência a partir da década de 1950, com a divulgação dos resultados das pesquisas de Doll e Hill na Inglaterra, de Wynder e Graham, e Hammond nos EUA, rendendo textos sobre o assunto nas revistas. Entre os periódicos consultados, *Seleções* era, no Brasil, o único a publicar matérias sobre estas pesquisas para o público leigo<sup>29</sup>. Outros importantes fatos relacionados ao debate “tabagismo e câncer de pulmão”, como os relatórios da década de 1960 na Inglaterra e EUA,

<sup>26</sup> DANIEL, Érica Gomes. *A Guerra como slogan: um estudo sobre as publicidades da Revista Seleções do Reader's Digest (1942-1945)*. Disponível em: <[www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Comunicacoes/Daniel%20Erica%20G.doc](http://www.rj.anpuh.org/Anais/2002/Comunicacoes/Daniel%20Erica%20G.doc)>. Acesso em: 14 maio 2007.

<sup>27</sup> EMERGING Pattern of Anti-smoking Campaign: a Chronology. Disponível em: <<http://legacy.library.ucsf.edu/cgi/getdoc?tid=sle75d00&fmt=pdf&ref=results>>. Acesso em: 1º nov. 2007.

<sup>28</sup> COOPER, Courtney Ryley. Deixei de fumar. *Seleções do Readers Digest*, v.2, n. 9, p. 11-14, out. 1942.

<sup>29</sup> RIIS, Roger William. O cigarro fará muito mal? *Seleções do Readers Digest*, v. 17, n. 98, p. 21-29, mar. 1950. MILLER, Lois Mattox; MONAHAN, James. O que há de positivo na controvérsia sobre o cigarro. *Seleções do Readers Digest*, v. 26, n. 152, p. 42-46, set. 1954.

ganharam artigos próprios no periódico destacando-se os dos jornalistas e redatores Lois Mattox Miller e James Monahan<sup>30</sup>.

As matérias de divulgação destas pesquisas, relatórios e políticas em relação ao tabagismo, constituíram uma categoria no universo dos textos publicados sobre o assunto pela revista, que tinha como objetivo convencer o leitor sobre os danos ocasionados ao organismo humano pelo hábito. O universo de textos publicados por *Seleções* era também composto por outras duas categorias: os que promoviam terapias para o abandono do fumo e as narrativas de fumantes que conseguiram abandonar o costume, bem como acometidos pelo câncer do pulmão. Em alguns artigos desses dois grupos encontramos referências aos dados divulgados no período das pesquisas e relatórios.

Entre os artigos de divulgação, percebemos que antes do Relatório Terry em 1964, ainda era muito comum o uso da palavra “controvérsia” ao referir-se ao debate “tabagismo e câncer de pulmão”<sup>31</sup>. Com o título “Os cigarros: julgados e condenados”, as conclusões do relatório chegavam ao público brasileiro em abril de 1964, afastando possíveis dúvidas e controvérsias ainda existentes sobre a relação “tabagismo e câncer de pulmão” e outros males à saúde. Em compensação, a poluição do ar deixava de ser vista como protagonista entre os fatores causadores do câncer de pulmão. Negava-se também a possibilidade da enfermidade ser causada por um vírus. Esta matéria, assim como outras que tinham como fim a divulgação científica, apresentou, de maneira sucinta, as pesquisas e suas conclusões em relação aos males provocados pelo tabagismo, da mesma maneira que a posição de instituições oficiais da comunidade médica e da saúde pública dos países envolvidos no debate, principalmente EUA e Inglaterra.

---

<sup>30</sup> MILLER, Lois Mattox. Cigarro e câncer do pulmão: o que se sabe de novo. *Seleções do Readers Digest*, v. 42, n. 246, p. 35-40, jul. 1962. MILLER, Lois Mattox; MONAHAN, James. Controvérsia do cigarro: uma tempestade em formação. *Seleções do Readers Digest*, v. 44, n. 260, p. 51-57, set. 1963. Os cigarros: julgados e condenados. *Seleções do Readers Digest*, v. 45, n. 267, p. 42-47, abr. 1964. MILLER, Lois Mattox. O dilema do “fumante-problema”. *Seleções do Readers Digest*, v. 46, n. 270, p. 35-40, jul 1964. A cobertura do tema por estes jornalistas rendeu a eles o Prêmio de Jornalismo Médico Albert Lasker em 1957, pela série de reportagens produzidas naquele ano em torno das inovações feitas pela indústria de cigarros, enfatizando principalmente a diminuição dos danos causados pela nicotina e alcatrão através dos filtros e do lançamento de cigarros com baixos teores dessas duas substâncias (MILLER; MONAHAN, 1964).

<sup>31</sup> MILLER, Lois Mattox; MONAHAN, James. O que há de positivo na controvérsia sobre o cigarro. *Seleções do Readers Digest*, v. 26, n. 152, p. 42-46, set. 1954. Controvérsia do cigarro: uma tempestade em formação, v. 44, n. 260, p. 51-57, set. 1963.

Outra forma de se falar dos malefícios vinculados ao tabagismo era as narrativas em torno da vida dos fumantes. Geralmente apresentadas de forma dramática e trágica, estes discursos estavam divididos entre aqueles que adquiriam o câncer de pulmão e aqueles que conseguiam deixar o tabagismo pela força de vontade ou por tratamentos e viviam normalmente. Palavras como guerra, agonia, drama, angustia, dúvida, imprecisão eram corriqueiras nestes textos que objetivavam transportar o leitor para a intimidade daqueles que integravam as estatísticas, ao tornar visíveis os seus dramas. Em relação aos textos que narram a história dos doentes, notamos a presença de uma sequência na qual o personagem se encontrava em uma posição confortável e consolidada na vida, até que começa a apresentar sinais da doença, como ocorreu, por exemplo, com o personagem William Brown, assim descrito por J. D. Ratcliff, em “O crescente horror ao câncer do pulmão”:

William Brown é um próspero comerciante de uma grande cidade. [...] Aos 55 anos era dono de um negócio próspero e de uma bela residência. Era feliz no casamento, tinha dois filhos que iam bem nos estudos e, salvo pequenos achaques, gozava de excelente saúde. É verdade que recentemente Brown vinha tossindo com frequência cada vez maior. Mas todos os fumantes tossiam, e ele deu pouca atenção ao fato. [...] Sua pequena perda de peso, ele a tomou como uma coisa até boa. Sentia também uma pequena dor no peito, mas nada sério a ponto de ser preciso incomodar o médico. Então, numa manhã de junho último, quando escovava os dentes, tossiu profundamente e expeliu escarro com estrias sanguíneas. Brown sem dúvida havia lido sobre câncer de pulmão e sua evidente relação com o fumo. Fumando dois maços de cigarros por dia, ele tinha até pensado vagamente na possibilidade de fumar menos. E, enquanto se barbeava, foi desfilando mentalmente os sintomas de câncer de pulmão que conhecia: o escarro sanguíneo – lembrava-se – era um. Quando terminou, estava profundamente preocupado e, depois do café, em vez de ir para o escritório, foi ao médico.<sup>32</sup>

A partir deste ponto, a narrativa enfatiza o drama da moléstia, passando pela descrição das dificuldades de se diagnosticar precocemente a doença,

<sup>32</sup> RATCLIFF, J. D. Crescente horror ao câncer de pulmão. *Seleções do Reader's digest*, v. 35, n. 207, abr. 1959, p. 171.



pois o câncer de pulmão apresentava sintomas muito próximos à tuberculose para os clínicos daquela época. Por isso, Brown foi encaminhado a uma clínica especializada na qual, após realização dos exames, foi diagnosticada a doença. Neste momento, há uma pausa no artigo para se falar das chances estatísticas de sobrevivência daqueles que passam pela cirurgia pela qual o personagem passaria. A postura de Brown em encarar com tranquilidade a situação pode ser vista como uma orientação do autor àqueles que se submeteriam, à época, à cirurgia. A intervenção no corpo do personagem é então descrita em detalhes, como se o leitor fosse transportado para a mesa de operação:

Brown foi posto de lado sobre a mesa, com o braço acima da cabeça. Foi-lhe introduzido um tubo pela traquéia para dar ao anestesista uma boa passagem de gás. O cirurgião fez-lhe depois uma extensa incisão, abrangendo quase metade do diâmetro do corpo. O corte começava debaixo do mamilo, mergulhava sob o braço e terminava bem perto da espinha. Camadas de pele, gordura e músculos foram separadas, expondo as costelas. Com um enorme costótomo a quinta costela foi retirada e posta de lado. Foram então colocados afastadores para arredar outras costelas. A abertura resultante era grande e cavernosa, permitindo ao cirurgião examinar toda a cavidade torácica à procura de sinais de propagação do câncer.<sup>33</sup>

Encerrado o procedimento cirúrgico, com aparente sucesso, o personagem teve que aguardar 10 dias para receber alta. Ao fim, a imprecisão, o suspense e a angústia eram mantidos quando o autor fazia as seguintes indagações e reflexões: “quais são as suas perspectivas? É cedo demais para se dizer. Se sobreviver, terá que passar cinco anos na incerteza. Somente ao expirar esse prazo poderá considerar-se curado” (RATCLIFF, 1959, p. 176). Este fechamento é sinal claro de que a narrativa se baseou em dados produzidos pela ciência quanto aos sucessos da cirurgia e ao perfil do acometido pela doença – homens de 55 anos, da classe média e que fumam excessivamente –, para reforçar a ideia de que reduzir ou abandonar o fumo era a prevenção possível à doença e a todos as consequências que ela podia gerar. A mensagem deixada por este texto se repetiu em outras narrativas, que focalizavam os enfermos, em primeira ou terceira pessoa, realçando os seus hábitos de fumar.

A prevenção também era percebida como um caminho difícil. O deixar de fumar era, e ainda é, encarado como ato de persistência, de vontade e de

<sup>33</sup> RATCLIFF, 1959, p. 174-175.

busca de ajuda médica. Métodos para se deixar de fumar eram apresentados em forma de depoimentos, como fica explícito em “Novo método para deixar de fumar”, publicado em dezembro de 1963. Nele, uma jovem expõe a sua luta para se livrar do hábito por meio de reuniões em grupo durante sete semanas ocorridas em uma das 18 clínicas médicas instaladas na Inglaterra, após o relatório do Royal College of Physicians de 1962. Ao fim da descrição do tratamento, ela expunha as vantagens obtidas em favor de sua saúde ao conseguir se livrar do tabagismo: “faz oito meses que fumei pela última vez. [...] A irritação da garganta desapareceu, tenho as mãos firmes e posso de novo sentir cheiros. Mais do que tudo, tenho a profunda e alentadora satisfação de saber que dominei um mau hábito que me dominava” (EMERSON, 1963, p. 59). Em suma, reforçava-se a imagem de vitória para aqueles que ganhavam a guerra contra o costume. Segundo Junqueira (2001), este tipo de texto indicava a motivação íntima como motor propulsor para a solução dos problemas de pessoas comuns, que, como personagens, “compunham exemplos humanos e perfis heróicos [...] responsáveis por ações notáveis, que eram repetidos à exaustão” (JUNQUEIRA, 2001, p. 26).

E, por fim, diferente das narrativas em torno da vida dos fumantes, que retratava, através de relatos, as dificuldades e as fórmulas adotadas pelos indivíduos para o abandono do fumo, uma terceira categoria de escritos se configurou com relatos impessoais direcionados aos possíveis tratamentos e maneiras de abandono do fumo. Entre os tratamentos sugeridos encontramos terapias individuais, em grupo e até com o uso de medicamentos, como a própria nicotina, nos quais a força de vontade do indivíduo era apenas componente do tratamento<sup>34</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode observar, os conhecimentos relacionados aos males do tabagismo estavam entrelaçados aos discursos de origem religiosa e moral nos suportes informativos analisados. O discurso científico sobre o tema era tratado como uma verdade que, juntamente àquelas outras formas discursivas, contribuiria para o abandono do costume de fumar pelos leitores. Desta forma,

---

<sup>34</sup> PARA deixar de fumar. *Seleções do Readers Digest*, v. 1, n. 6, p. 86-87, dez. 1971. ROSS, Walter S. Maneiras fáceis de deixar de fumar. *Seleções do Readers Digest*, v. 5, n. 28, p. 85-88, set. 1973. Deixando de fumar com a ajuda da nicotina. *Seleções do Readers Digest*, v. 21, n. 110, p. 17-22, jul. 1981. VICKERY, Donald M.; EICHNER, Judith Roman. Como deixar de fumar. *Seleções do Readers Digest*, v. 27, n. 146, p. 97-99, jul. 1984.

a questão era considerada individual, de cada leitor que tivesse acesso às informações, no período selecionado. Pouco se falava em uma intervenção incisiva do Estado, com a possibilidade de uma política de saúde pública. Entretanto, a questão tomaria outro viés com a divulgação dos relatórios da década de 1960 na Inglaterra e EUA, o que renderia impactos na mídia brasileira e internacional.

Assim, coube, sem dúvida, à revista *Seleções* a formulação de uma “campanha” mais incisiva contra o tabagismo no período abordado em âmbito internacional, lembrando que a sua circulação era mundial. Tal papel também pode ser associado às Ligas de Temperança adventistas formadas em diversas partes no mundo. Estas, por meio de suas editoras, faziam circular manuais para se abandonar o hábito de fumar.

*Artigo recebido em 17/02/2011.*

*Aprovado em 18/06/2011.*